



## revolução espanhola<sup>1</sup>

*beatriz scigliano carneiro,  
lúcia soares & luíza uehara*

### **cena 1: Espanha**

Gus:

“Exceto algumas regiões, a Espanha foi um país exclusivamente agrícola até a Primeira Guerra Mundial. (...) A gigantesca maioria da população economicamente ativa vivia no campo (...).

Helena:

Na Espanha a palavra liberalismo não significou outra coisa senão o aniquilamento da antiga propriedade comunal, sua ‘livre’ venda, o confisco de bens dos camponeses e a constituição de uma economia de latifundiários.

Mayara:

(...) A partir de 1836, a nova burguesia latifundiária passou a usar a violência para abrir caminho em outras regiões, principalmente na costa do Levante e na Andaluzia.

Flávia:

A introdução do regime parlamentarista, em 1843, con-

*Beatriz Scigliano Carneiro é pesquisadora no Nu-Sol, doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP. Contato: bmscarneiro@uol.com.br. Lúcia Soares é pesquisadora no Nu-Sol, doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP. Contato: luciathunder@yahoo.com.br. Luíza Uehara é pesquisadora no Nu-Sol, doutoranda em Ciências Sociais na PUC-SP. Contato: luíza.uehara@gmail.com.*



firmou a dominação política dos novos latifundiários, que, naturalmente, moravam nas cidades e consideravam suas terras como colônias distantes, deixando-as, por isso, nas mãos de capatazes ou arrendatários (...).

Lili:

Até a eclosão da [Revolução Espanhola], três quartos dos habitantes de Andaluzia continuavam sendo *braceros*,

Lúcia:

[*Braceros* eram] diaristas que vendiam sua força de trabalho por um salário de fome (...).

Sofia:

Nas épocas de colheita imperava a jornada de 12 horas; na outra metade do ano o desemprego era quase total. Os resultados não poderiam ser outros: pobreza endêmica, subnutrição e êxodo rural.

Ricardo:

(...) [Em 1844,] um ano após (...) [tomar] a direção dos negócios estatais, a nova classe política dos latifundiários criou um verdadeiro exército de ocupação, a Guardia Civil.

Cabelo:

(...) A Guardia [Civil] era composta por homens cuidadosamente escolhidos, que quase sempre serviam longe de sua terra natal (...). Os soldados não podiam jamais deixar os quartéis desarmados ou sozinhos, e [eram] chamados no campo de *la pareja*, pois sempre faziam patrulha aos pares”<sup>2</sup>.

## cena 2: Fanelli

Ricardo:

Madri, 1868.

Gus:

Fanelli?! Giuseppe Fanelli?!



Flávia (Fanelli):

Anselmo? “Cosa orribile! Spaventosa!

Gus:

(...) [Fanelli] alternava tons de ira e ameaça para falar dos tiranos e exploradores, e de tristeza, dor e alento ao referir-se aos sofrimentos dos oprimidos”<sup>3</sup>.

Acácio:

“Nenhum [de nós] conhecia a organização de que Fanelli era emissário (...)”<sup>4</sup>. A Associação Internacional dos Trabalhadores foi fundada anos antes, em 1864, em Londres, a partir das propostas de federalismo político e mutualismo econômico de Proudhon. Fanelli pertencia à ala anti-autoritária da Primeira Internacional ligada a Bakunin.

Gus:

“O mais espantoso (...) era que ele não sabia espanhol (...). Mesmo assim, seus pensamentos eram expressos com tanta clareza que um enorme entusiasmo tomava conta de nós assim que o discurso acabava”<sup>5</sup>.

Flávia (Fanelli):

“A massa camponesa é federalista por natureza. O camponês está apaixonadamente ligado à terra e detesta de todo o coração o domínio das cidades e todo o governo que, de fora, lhe imponha o seu pensamento e a sua vontade”<sup>6</sup>.

Todos:

*Salud!*

Vitor:

“Como o fogo pela estepe, [o anarquismo] difundiu-se rapidamente entre os trabalhadores agrícolas e industriais do oeste e sul da Espanha”<sup>7</sup>.

Bia:

“O movimento proletário espanhol desde 1870 decidiu-se por Bakunin (...). Os levantes camponeses de 1873, que se



estenderam por toda Andaluzia, foram inteiramente conduzidos pelos anarquistas.

Ricardo:

(...) Os anarquistas conseguiram manter até 1936 o [caráter] do movimento operário espanhol”<sup>8</sup>.

Sofia:

“Para quem ama a certeza, a história do anarquismo espanhol pode ser uma fonte de desespero! Onde se buscam fatos, serão oferecidas versões. (...) O que acontece nas ruas raramente passa para o papel. Para isso contribui também o longo exercício [dos ilegalismos], que se tornou uma segunda natureza na anarquia espanhola”<sup>9</sup>.

Todos:

*Salud!*

### **cena 3: aldeias andaluzas**

Vitor:

Em todo sul da Espanha, encontravam-se homens e mulheres que “percorreriam a região a pé, (...) [em] mulas ou em carroças, sem nenhum tostão no bolso.

Mayara:

[Nós éramos] (...) recebidos nas casas dos trabalhadores, que também [nos] davam comida. (...) [E] um verdadeiro processo de aprendizagem (...) [se punha] em andamento.

Flávia:

Por toda parte, começaram a ser vistos trabalhadores e camponeses que já conseguiam ler, e entre os analfabetos (...) muitos (...) sabiam de cor artigos inteiros de jornais e panfletos do movimento.

Ricardo:

Em cada aldeia havia pelo menos um ‘ilustrado’, (...) se-



guidor do ateísmo, (...) não deixava que seus filhos fossem batizados. Lia muito e procurava transmitir o que sabia”<sup>10</sup>.

Helena:

“Nas aldeias andaluzas o ódio contra a classe social [inimiga] manifestou-se (...) [com] revoltas súbitas (...) por parte dos camponeses. Estes levantes liberavam uma violência instintiva (...) [e eles combatiam] com um desprezo pela morte nunca visto.

Flávia:

(...) Os camponeses matavam membros da Guardia Civil, prendiam padres e burocratas, incendiavam igrejas, queimavam cadastros, diziam-se livres do Estado e declaravam (...) independentes as comunas (...). [Decidiam lidar com] a terra em conjunto.

Bia:

(...) Em poucos dias [essas revoltas locais] viam-se derrotadas, não sem derramamento de sangue, pelas tropas do governo.

Bia e Lúcia:

Foi ali, nas aldeias andaluzas, que o anarquismo espanhol fincou suas [verdadeiras bases]”<sup>11</sup>.

Sofia:

“Oposto a estas zonas áridas e pobres do sul e do oeste da Espanha ficava [a] Catalunha, desde sempre a região mais rica e industrializada do país.

Lúcia:

Barcelona [era] a metrópole da navegação, da exportação, dos bancos e da indústria têxtil, [tornou-se] a ponta de lança do capitalismo na Península Ibérica.

Gus:

(...) Ao contrário dos latifundiários, os industriais e banqueiros catalães não pensavam exclusivamente na dilapidação,



mas também na acumulação de capital. (...) Surgiu (...) um proletariado industrial numeroso e altamente concentrado.

Sofia:

(...) [Diferente] do que aconteceu em regiões europeias com processos semelhantes de industrialização, os trabalhadores catalães não se voltaram à social-democracia, nem aos sindicatos reformistas, mas sim [ao] anarquismo<sup>12</sup>. Tampouco se arvoraram em ser condutores do campesinato; eles jamais esqueceram que vieram do campo, das províncias áridas de Múrcia e Almería, ao sul da Espanha, e que sua luta não se apartava do campesinato.

Gus:

“Os anarquistas nunca se consideraram um partido político (...). [Nós] não (...) [queremos nos apoderar] do Estado, e sim aboli-lo.

Mayara:

(...) Na Espanha, o anarquismo só alcançou organização definitiva em 1910, com a fundação da confederação de sindicatos anarquistas, a CNT (Confederación Nacional del Trabajo).

Lili:

[Aê hombre! A CNT] nunca se considerou ‘parceira social’ que tivesse como função discutir com os patrões os meios para melhorar a situação material da classe trabalhadora. A CNT era a única central revolucionária do mundo.

Flávia:

(...) A CNT não era uma união de contribuintes e jamais acumulou reservas financeiras de qualquer espécie. Na cidade, a contribuição dos filiados era insignificante; no campo, quase sempre beirava a nada.

Lúcia:

Em 1936, a CNT tinha um único funcionário remunerado, apesar de ultrapassar um milhão de [integrantes]!”<sup>13</sup>.



Acácio:

“A CNT jamais produziu ‘dirigentes trabalhistas’ isolados (...) [do povo], com todas as deformações tradicionais e inevitáveis da burocracia de pelegos”<sup>14</sup>.

Gus:

Parem as máquinas!

#### **cena 4: 1917**

Flávia:

“[Buenaventura] Durruti e eu fomos amigos desde a infância, (...) fomos companheiros e irmãos. Isso quando nem tínhamos muitos dentes, bem antes de entrarmos na escola”<sup>15</sup>.

Vitor:

“Na escola, Durruti mostrou-se ótimo aluno, estudava muito. (...) Mas ele não queria estudar. Queria mesmo era trabalhar. Além do mais, vocês sabem o que nós éramos? Balas perdidas.

Lili:

Os vizinhos diziam: para eles não há esperança. Não vão virar nada. São uns demônios, uns bandidos. E por que falavam isso da gente? Porque éramos assim mesmo”<sup>16</sup>.

Flávia:

“Tínhamos 19 anos quando a greve geral [de 1917] estourou. Se foi violenta? E como! O governo pôs o Exército atrás de nós.

Ricardo:

A greve [foi] convocada para a meia-noite. Em toda parte a Guardia Civil se [aprontou] para reprimir os trabalhadores quando saíssem das fábricas. Possuíamos algumas armas; (...) o suficiente para afugentar os soldados que já tinham ocupado a estação (...). E, então, começou: bang! bang! bang!



Flávia:

(...) E nós nos divertimos muito.

Vitor:

Mas a Guardia Civil já estava no nosso encalço. Com os pequenos revólveres que tínhamos, não podíamos fazer muita coisa. O jeito foi procurar, no centro de León, alguns postes de alta tensão que fossem bem altos e estivessem ocultos por árvores. Subimos neles e ficamos bem escondidos.

Helena:

Cada um de nós encheu bolsos e bonés com pedras, atiradas nos policiais. [Eles] ficaram feito loucos, pois não sabiam de onde vinha a carga. (...) Era pedra pra todo lado!

Flávia:

(...) Isso não significou muito, mas serviu para que as pessoas percebessem que a luta passiva não levaria a nada<sup>17</sup>.

Bia:

No mesmo ano de 1917, “quando ninguém mais parecia acreditar que fosse possível, a Revolução [Russa] eclodiu. O inverossímil se tornou realidade.

Acácio:

(...) [Nós imaginávamos] esta experiência em Barcelona ou Madri. A monarquia de Afonso XIII não era nem mais amada nem mais estável do que a de Nicolau II<sup>18</sup>.

Bia:

“Três meses depois de a Revolução Russa ter eclodido, uma comissão de trabalhadores espanhóis começou a preparar uma greve que deveria também ser um levante<sup>19</sup>.”

Mayara:

“Aqui como lá, causas sociais parecidas estavam em jogo: o problema agrário [e] a industrialização tardia (...)”<sup>20</sup>.



Gus:

Antes de outubro, em agosto de 1917, ocorreu uma revolução camponesa na Ucrânia, vizinha à Rússia. Para os bolchevistas, essa revolução só teria sentido se fosse conduzida pelo proletariado industrial, ou seja, pela vanguarda do partido da revolução. Pouco tempo depois, por meio da diplomacia, Lenin e Trotsky imobilizaram o principal expoente daquela revolução, o anarquista Nestor Makhno, e subordinaram a Ucrânia.

Cabelo:

Nessa época, alguns anarquistas espanhóis e italianos imigraram para o continente americano, disseminando as práticas libertárias. As lutas operárias espalhavam-se por vários países. No Brasil, em São Paulo, a Greve de 1917 irrompeu em julho. Um anarquista espanhol de 21 anos foi assassinado pela cavalaria durante uma manifestação. Três dias depois, já havia mais de 70 mil trabalhadores nas ruas.

Flávia:

A greve geral de 1917 foi um movimento do operariado sem a interferência hierárquica. Paralisou a vida laboriosa de São Paulo, a cidade que não pode parar.

Sofia:

A situação se tornava cada vez mais grave com os confrontos entre a polícia e os trabalhadores. Seguiu-se uma série de perseguições, prisões, longos processos, empastelamento de jornais e deportações dos estrangeiros para seus países.

Lúcia:

Já acontecera a Revolução Mexicana em 1910, e em 1920 explodiria a Revolta da Patagônia, na Argentina. Todos camponeses.

Lili:

“[Na Espanha,] a Greve Geral de 1917 foi sufocada com sangue: [dezenas de] trabalhadores morreram sob os disparos das Forças Armadas.



Sofia:

Dois fatores foram decisivos para o fracasso (...) [da greve na Espanha]: o papel dominante do Exército na sociedade (...) [e a tentativa de unificação] dentro do movimento operário (...)”<sup>21</sup> sob o comando de sociais-democratas, comunistas e da UGT. A mania da unificação intercepta a dinâmica da mutiplicidade.

Flávia:

O Partido Social Democrata existia desde 1879. A União Geral dos Trabalhadores (UGT), seu braço sindical, foi fundada dez anos depois.

Mayara:

Até a Primeira Guerra Mundial, a UGT quase não cresceu. “Com elevadas taxas para os filiados, uma direção pequeno-burguesa composta de funcionários pagos e uma moderação política que quase não se diferenciava [do ramerrame parlamentar], a social-democracia imitava fielmente [os] modelos da Europa ocidental”<sup>22</sup>.

Vitor:

A UGT era em todos os aspectos oposta a CNT, “inclusive em termos de distribuição geográfica (...).

Helena:

Enquanto os anarquistas tinham suas bases na Catalunha e na Andaluzia, os sociais-democratas firmavam-se principalmente nas Astúrias, em Bilbao e em Madri”<sup>23</sup>.

### **cena 5: *Los solidarios***

Helena:

1920 foi o ano de repressões violentas. “O governador (...) [catalão] e o chefe de polícia (...) tinham organizado uma autêntica campanha terrorista contra os anarquistas da Catalunha. (...) Junto com (...) empresários (...) [organi-



Revolução Espanhola

zaram] falsos sindicatos, [obviamente] os chamados ‘sindicatos livres’.

Ricardo:

É claro que nenhum trabalhador queria entrar por espontânea vontade nessas entidades. (...) Os empresários (...) criaram grupos armados (...) denominados Pistoleiros (...) [para liquidar anarquistas da CNT e certos republicanos de esquerda]”<sup>24</sup>.

Sofia:

“Só em Barcelona foram mortos pelo terror de Estado mais de trezentos anarquistas sindicalizados. Mais de trezentos mortos!

Lúcia:

(...) Foi [nessa] época que [montamos] o grupo

Todos:

*Los solidários,*

Lúcia:

mais tarde famoso e temido. Éramos mais ou menos uns doze: Durruti, Ascaso, Garcia Oliver (...). Precisávamos desse tipo de organização para nos defender [desse terrorismo]”<sup>25</sup>.

Flávia:

*Los Solidarios*. Fazíamos propaganda pela ação e arriscávamos nossas vidas diariamente. O povo sabia que não tínhamos “nenhum interesse em enganar politicamente ninguém (...).

Mayara:

Mais tarde, voltamos nossas atenções para o cardeal Soldevila, que residia em Zaragoza. Ele financiava os ‘sindicatos livres’ e sua central de homicídios em Barcelona.



Flávia:

[O dinheiro do eminente cardeal vinha de uma rede de hotéis e cassinos!] Ele foi executado a tiros por Durruti e Ascaso”<sup>26</sup>.

Helena:

“Os solidários mantinham-se fiéis a uma regra: só os participantes diretos na ação deveriam saber algo a respeito dela. (...) [Eles sabiam] o que [era] necessário para cumprir sua parte. (...) Todas as decisões eram tomadas em conjunto por aqueles que deveriam executá-las”<sup>27</sup>.

Lili:

Contra a violência de Estado, violências!

Acácio:

Para os anarquistas espanhóis não havia distinção entre militância legal e ilegal.

Vitor:

Esse era um problema dos sociais-democratas, dos moderados em geral. Não se tratava de reforma do Estado, mas de fazer revolução.

Flávia:

Em 1927, foi criada a FAI (Federación Anarquista Ibérica), que aglutinava todos os sindicatos anarquistas. Ela se voltava diretamente para a propaganda pela ação. Na Espanha, “todos os seus [integrantes] eram também filiados à CNT”<sup>28</sup>.

Helena:

“A polícia fazia de tudo para aniquilar o trabalho revolucionário do grupo anarquista *Los Solidários*.

Sofia:

Acusava (...) os [integrantes] do grupo de ter empreendido um assalto armado à filial do Banco da Espanha em Gijón.



Helena:

(...) Com essa história de assalto ao banco, a polícia pretendia ter razões que justificassem um pedido de extradição de Durutti e Francisco Ascaso<sup>29</sup>, que já tinham fugido da Espanha por causa [do Cardeal Soldevilla].

Lili:

Não era só na Espanha que isso ocorria.

Mayara:

Em 1920, em meio às lutas pela redução da jornada de trabalho para oito horas, os anarquistas italianos Sacco e Vanzetti foram presos em Chicago pelo governo dos EUA.

Ricardo:

Como Durutti e Ascaso e tantos outros anarquistas, foram acusados de um crime que não cometeram, e se pedia pena de morte.

Flávia:

Comitês pró libertação dos anarquistas se espalharam por todo o planeta, inclusive no Brasil, onde tomaram parte o carpinteiro negro Domingos Passos, o sapateiro e teatrólogo Pedro Catalo, o jornalista Edgard Leuenroth, o professor José Oiticica e muitos anônimos.

Acácio:

Em 1927, no teatro do tribunal, Sacco e Vanzetti foram condenados e eletrocutados.

## **cena 6: o exílio**

Mayara:

“Em 1923 a guerra colonial no Marrocos levou o Exército espanhol a uma derrota vergonhosa[!] (...)”<sup>30</sup>. Foi um baque no regime. Contudo, as forças governamentais tiveram poder repressivo suficiente para se manter e constituir uma ditadura.



Helena:

O general Primo de Rivera, com apoio do rei espanhol Afonso XIII dissolveu o Parlamento e implantou o Diretório Militar.

Sofia:

O General representava “a burguesia industrial: defendia um programa de ‘modernização’ extraído quase inteiramente dos discursos de (...) Mussolini. (...) [O líder da social-democracia] Largo Caballero aceitou colaborar e tomar parte no ministério do ditador”<sup>31</sup>.

Mayara:

A CNT foi proscrita. Os sindicatos foram estatizados, a formação intelectual foi reprimida.

Helena:

Ascaso e Durruti foram mais uma vez para o exílio. Se ficassem na Espanha seriam simplesmente assassinados pelos reacionários.

Lili:

“Naquela época, Ascaso se encontrava na prisão por causa do (...) arcebispo de Zaragoza. (...) [Organizamos] uma fuga, e entre os fugitivos estava Ascaso”<sup>32</sup>, que foi para Barcelona.

Sofia:

“De Barcelona, Ascaso foi para a França. Em Paris, encontrou-se com Durruti, García Oliver e Jover”<sup>33</sup>.

Helena:

“(...) Agiram como puderam em Paris, mas, quando se deram conta de que não havia mais nada para fazer na França, partiram para a América Latina.

Vitor (Ascaso):

Vamos em busca de países novos (...).



Helena:

E assim viajaram para Argentina, Cuba, Chile... ”<sup>34</sup>.

Ricardo:

O governo espanhol enviou “fotos e ordens de prisão (...) para todos os países, principalmente para os latino-americanos de língua espanhola”<sup>35</sup>. Era só acontecer um assalto nestes países que já botavam a culpa nos dois.

Lúcia:

“Viajando certa vez num bonde em Buenos Aires, Ascaso e Durruti de repente notaram que estavam sentados bem abaixo de suas próprias ordens de prisão. O governo havia estipulado um prêmio por suas cabeças. Tiveram que deixar o país o mais rápido possível.

Flávia:

Compraram passagens de primeira classe e por isso não tiveram problemas para embarcar. Mas trabalhadores na primeira classe são sempre um problema, principalmente Durruti, um sujeito ótimo, corajoso, mas sem o menor jeito para a etiqueta.

Lúcia:

Na entrada do refeitório (...) havia um rapaz que guardava os chapéus das pessoas. Durruti simplesmente passou por ele com o boné na cabeça.

Ricardo:

— Ei, meu senhor, espere!

Lúcia:

Durruti continuou avançando e depois colocou o boné no bolso.

Flávia:

Na sobremesa, quando era preciso descascar maçãs e laranjas com garfo e faca, ele deixava os talheres intactos. (...)



Vitor (Ascaso):

— Tome cuidado, eles já estão de olho em você. Estão tramando alguma coisa. Precisamos inventar uma história. Vamos dizer que somos artistas!

Gus (Durruti):

— O quê? Artistas? Devo sair dançando por aí como um bailarino?

Vitor (Ascaso):

— Não, não. Nada disso. Mas o que faremos então?

Gus (Durruti):

— Já sei! Vamos dizer que somos astros do futebol!

Acácio:

E assim agiram, como se fossem jogadores. Os passageiros caíram na história. No desembarque, a terceira classe naturalmente teve que passar pelo pente fino, mas na primeira exigiram apenas passaporte, carimbaram e devolveram com um ‘por aqui, senhor’. Logo eles estavam fora do navio<sup>37</sup>.

## **cena 7: Emilienne Morin**

Flávia:

Emilienne Morin, conhecida como Mimi-FAI, francesa e filha de anarcossindicalistas. Era estenógrafa e trabalhou no jornal antimilitarista *O que dizer...*, fundado por Sébastien Faure, na França, em 1916.

Sofia (Emilienne Morin):

Durruti tinha acabado de sair da prisão em Paris. “(...) Na mesma noite visitou uns amigos. Eu também estava na casa desses amigos. Nós nos olhamos e nos apaixonamos. Foi assim que aconteceu<sup>37</sup>. Durruti era um homem especial. Diferente dos outros espanhóis, ele lavava louças, fazia comida, não só quando estava escondido e eu trabalhando. Mas entre mim ele havia segredos a que eu nunca tive



acesso. “É claro que Durruti e eu nunca nos casamos. (...) Ir a um cartório de registro civil não é muito comum entre anarquistas”<sup>38</sup>.

## **cena 8: a república**

Ricardo:

Em 1931, o rei Afonso XIII abdicou do trono e exilou-se na França. Iniciou-se a Segunda República da Espanha. Com a palavra, a anarquista Federica Montseny.

Mayara (Federica Montseny):

“Alguns dias depois da proclamação da República, (...) Durruti, Ascaso e García Oliver apareceram em minha casa. (...) Alguns [anarquistas, como eu,] achavam que era preciso dar uma chance à República; (...) a ala radical do movimento anarquista, da qual (...) [o trio fazia] parte (...) [afirmava] que não se poderia dar tempo para que a República se estabelecesse.

Flávia:

[Federica Montseny,] (...) isso vai interromper o processo de mudança revolucionária das estruturas na Espanha. (...)

Mayara (Federica Montseny):

Estávamos em lados diferentes. (...) Depois, (...) tive de concordar que [eles] tinham razão. [A República] caiu num reformismo medonho: não conseguiu nem mesmo realizar a reforma agrária, o principal problema da Espanha”<sup>39</sup> daquela época.

Helena:

Com a proclamação da República, “na burocracia estatal ainda se conservavam as mesmas pessoas que serviram à Monarquia. O comando das Forças Armadas continuava nas mãos dos reacionários. A República era incapaz até de realizar uma política social que servisse miseravelmente aos interesses dos trabalhadores.



Lili:

O regime mudou de forma e tudo permaneceu como antes, como no tempo [do rei]. A insatisfação do povo aumentava a cada dia”<sup>40</sup>.

Mayara (Federica Montseny):

“Durruti participou ativamente de todos [os] levantes e lutas (...) da República. Ele achava que as coisas sempre deveriam ser levadas adiante. (...) Em 1932 foi deportado, com Ascaso, para Villa Cisneros, no Sahara ocidental, [Marrocos]. (...) Ele jamais dava sossego, sob nenhuma circunstância”<sup>41</sup>.

Ricardo:

“Os prisioneiros (...) foram levados a bordo do navio *Buenos Aires*, que partiu no dia 10 de fevereiro com 104 deportados (...).

Flávia:

Como despedida, Francisco Ascaso escreveu a seus companheiros:

Vitor (Ascaso):

‘Pobre burguesia, que precisa utilizar esses métodos para prolongar sua curta vida! Seu procedimento não nos espanta. Torturar, deportar e matar fazem parte de sua natureza. Ninguém morre sem se defender com um último golpe, nem mesmo um animal. (...) Alguma coisa está desmoronando por dentro e sucumbindo. Sua morte será nossa vida, nossa libertação! Saudações a todos. Esta não será uma despedida definitiva. Logo estaremos de novo com vocês”<sup>42</sup>.

Flávia:

“A burguesia catalã tremia. (...) No final de novembro os deportados retornaram (...)”<sup>43</sup>.

Gus (Durruti):

“A emancipação da classe trabalhadora [está] vinculada à aliança e à ação direta dos trabalhadores sobre a economia.



(...) [Quero frisar] a importância da criação de comissões de fábrica [para garantir a revolução]. (...) A fábrica é a universidade do trabalhador.

Bia:

(...) [Durruti] concordava que [escritores e estudantes] da classe média, também entrassem para o nosso movimento, desde que deixassem de lado seus privilégios (...).

Gus (Durruti):

[É preciso acabar com] a estima absoluta com que os técnicos e especialistas [são] recebidos. Os metalúrgicos (...) são capazes de por qualquer fábrica em funcionamento (...). Os pedreiros [são] capazes de planejar e construir uma casa. E isso vale para todos os outros setores”<sup>44</sup>.

Lili:

Um líder social-democrata espanhol declarou:

Bia:

“— Anarquistas como Ascaso e Durruti são loucos varridos. É preciso livrar-se desses insanos. Não é possível discutir com eles. Para mim o melhor mesmo seria mandar fuzilar estes restos do passado”<sup>45</sup>.

## **cena 9: as urnas**

Ricardo:

Em 1933, “começava (...) a girar o carrossel dos partidos liberais e burgueses, das crises de governo e das convocações para novas eleições (...)

Helena:

O governo republicano não conhecia nenhuma outra forma de responder à ação direta da classe trabalhadora senão utilizando as armas de seus predecessores (...)[:]

Todos:

a polícia, a Guardia Civil e (...) o Exército.



Helena e Ricardo:

O estado de sítio [era] rotina”<sup>46</sup>.

Mayara:

“A base social da República era ridiculamente frágil”<sup>47</sup>.

Flávia:

“O peso decisivo na balança era dado pelos partidos ‘de centro’, (...) [representantes] da pouco numerosa e economicamente fraca pequena burguesia, que governava (...) com a aprovação (...) passiva da social-democracia”<sup>48</sup>.

Sofia:

“Nas eleições de 1933, os anarquistas espanhóis realizaram a maior campanha de boicote às urnas que já houve na história do movimento operário”<sup>49</sup>.

Todos:

Recusamo-nos a dar nosso voto.

Gus:

“— Trabalhadores! (...) Da última vez você deram seu voto de apoio à república. Se soubessem que esta República colocaria 9 mil trabalhadores na cadeia, teriam votado nela?

Todos:

Não (...).

Flávia:

A Revolução dos republicanos (...) [está] falida: é iminente uma contrarrevolução fascista. O que aconteceu na Alemanha? Os socialistas e os comunistas sabiam muito bem quais eram os planos de Hitler e, no entanto, foram às eleições e assinaram sua sentença de morte”<sup>50</sup>.

Mayara:

“[O] índice de abstenções [nas províncias de] Barcelona [e



Revolução Espanhola

Zaragoza chegou] a 40%; na Andaluzía, (...) 45%; no norte de Aragón, (...)

Todos:  
a 99%”<sup>51</sup>.

Vitor:  
“O resultado foi a vitória dos partidos conservadores de direita.

Acácio:  
(...) Pouco depois das eleições, a CNT realizou uma conferência secreta em Madri. Eu [estava] presente (...). Os [trabalhadores] de Aragón diziam:

Lili:  
nós não podemos simplesmente engolir o resultado. Temos que agir. É hora da revolta armada!”<sup>52</sup>.

Mayara:  
“Os sociais-democratas viam-se diante de uma questão vital de sua sobrevivência. Sua velha política de colaboração havia fracassado (...).

Vitor:  
Largo Caballero (...) renunciou à coligação com os partidos republicanos da burguesia liberal e começou a preparar seus seguidores para a resistência armada. (...) A sindical social-democrata UGT foi inflamada por discursos leninistas”<sup>53</sup>.

Helena:  
Em outubro de 1934, houve um levante nas Astúrias.

Sofia:  
Desde os dias da Comuna de Paris a Europa ocidental não tinha visto nada igual.



Todos:

“Irmãos proletários, uni-vos”<sup>54</sup>.

Lúcia:

“(…) Anarquistas, socialistas e comunistas trabalharam juntos (...). A CNT e a UGT agiram em comum acordo [no combate às tropas do governo]”<sup>55</sup>.

Flávia:

“O trágico [do levante asturiano] reside no fato de ele ter ficado isolad[o] desde o início (...). Em Madri (...) foi [totalmente] sufocado (...).

Sofia:

Em Barcelona (...) [houve] um fraco apoio (...). [O partido catalão Esquerda, de liberais de esquerda], liderado por Luis Companys, (...) estava [mais] interessado em proclamar o [Estado autônomo] da Catalunha.

Ricardo:

(...) Os focos da revolução foram bombardeados e os trabalhadores das Astúrias massacrados pela legião estrangeira e por regimentos mouros, sob as ordens de um general de nome Francisco Franco.

Lili:

[¡Hijo de puta!]

Cabelo:

A repressão foi terrível. Em fins de 1935 havia mais de 30 mil presos [, na maioria anarquistas inclusive Durruti]”<sup>56</sup>.

## **cena 10: novas eleições**

Helena:

“Em fevereiro de 1936 haveria novas eleições”<sup>57</sup>. As prisões continuavam entupidas.



Gus:

Com a derrota nas Astúrias, “a social-democracia [concluiu] que não [foi] feita para a revolução. Com remorsos, retomou sua velha tática parlamentar e fez uma coalizão com os partidos republicanos de centro. Os comunistas, grupo numericamente insignificante, também aderiram a esta coalizão”<sup>58</sup>.

Mayara:

Nascia a Frente Popular: coalizão de sociais-democratas, comunistas e republicanos.

Helena:

“Os partidos de esquerda prometeram então, em caso de vitória nas urnas, libertar os anarquistas em troca de seus votos.

Sofia:

A direita, por sua vez, ameaçava uma repressão mais forte.

Acácio:

(...) Se a CNT convocasse [novamente] o boicote, [30 mil pessoas continuariam presas] (...); se, ao contrário, recomendasse a participação nas eleições, estaria reconhecendo [o que sempre combateu:] o direito de voto e o parlamentarismo (...)”<sup>59</sup>.

Flávia:

“A direção da CNT não aconselhava nem desaconselhava o boicote, deixando a decisão como escolha de cada um. (...) Não faria a menor diferença se as eleições fossem vencidas pela direita ou pela esquerda. Se o fascismo (...) [chegasse ao Estado] pela via legal, através da abstenção dos trabalhadores anarquistas, este seria o sinal para o levante armado. (...) Ao contrário, [uma vitória eleitoral da esquerda levaria] à tentativa dos fascistas de chegar ao (...) [governo] por sua via habitual, ou seja, o golpe de Estado. Em qualquer dos dois casos, a resistência teria de ser feita com armas nas mãos”<sup>60</sup>.



Sofia:

Então veio a vitória da Frente Popular nas eleições de fevereiro de 1936.

Todos:

Muitos anarquistas votaram.

Gus:

“A CNT e os anarquistas foram às ruas no dia da eleição. (...) O povo não deu seu voto aos políticos, mas aos presos”<sup>61</sup>.

Mayara:

O novo governo contentou-se somente em colocar em vigor as leis revogadas pelo governo anterior de direita. “O povo não era defendido na Frente Popular”<sup>62</sup>.

Ricardo:

“Antes da eleição de fevereiro os anarquistas estavam convencidos: a guerra civil viria em pouco tempo”<sup>63</sup>.

Mayara:

Após a vitória da esquerda veio o golpe. “A direita estava decidida, desde a fundação da Frente Popular, a derrubar à força o governo eleito.

Flávia:

[A direita se reorganizou e seus] modelos de como passar à ofensiva foram retirados da Alemanha de Hitler e da Itália de Mussolini. (...) As potências do Eixo prometiam auxílio material e de propaganda. A falange espanhola começava a crescer”<sup>64</sup>.

Vitor:

A Falange Espanhola foi criada pelo filho de Primo de Rivera, José António, em 1933, como polícia do Estado para disseminar o terror sob a forma de partido. Eram milícias fascistas uniformizadas de azul, defensoras do catolicismo conservador e matavam.



Bia:

Em 1934, A Falange Espanhola se juntou à Junta Ofensiva Nacional Sindicalista, declaradamente fascista.

Ricardo:

Nas milícias lideradas por José António, Pilar, sua esposa, comandava a seção feminina da Falange. Quando José Antonio foi condenado à morte pelos republicanos, as milícias passaram a receber a adesão de vários partidários de direita.

Mayara:

Em 1937, Franco unificou as falanges em Falange Espanhola Tradicionalista.

Lúcia:

A Falange passou a ser o único partido na Espanha até a morte de Franco, em 1975. A Falange matou e desapareceu com muitos revolucionários e contestadores, entre eles, o poeta Federico García Lorca.

Gus:

“Perdi-me muitas vezes pelo mar  
com o ouvido cheio de flores recém-cortadas,  
com a língua cheia de amor e de agonia.  
Muitas vezes me perdi pelo mar,  
como me perco no coração de alguns meninos”<sup>65</sup>.

Sofia:

“Diante de Lorca, não havia nada a nos distrair, havia Lorca. A sua personalidade iridescente, seu teatro popular La Barraca, seu compromisso com a recuperação do canto jondo, a paixão cigana, os amores encerrados em lutos, mulheres submissas e autoritárias, crianças cheias de vitalidades, a arte como uma política apartidária e seus jornais de vanguarda, sempre libertários. (...) [Diante do silêncio de Granada], o Lorca executado por Ramón Ruiz Alonso sob oliveiras, um cadáver desaparecido”<sup>66</sup>.



Helena:

O governo republicano da Frente Popular nomeou o General Francisco Franco, o comandante da cruel repressão ao levante das Astúrias, como chefe militar das Ilhas Canárias. Lá, ele preparou o golpe em contato com outros militares do chamado Exército da África, que dominava as colônias espanholas.

Flávia:

Os generais acreditavam na vitória, e com o apoio de grande contingente dos quartéis, começaram atacar em 17 de julho. Quatro dias depois, um terço da Espanha estava nas mãos dos generais.

Todos:

Um terço da Espanha!

Vitor:

Era só um terço!

### **cena 11: nas ruas**

Lili:

“Pequenos grupos da CNT-FAI agiam discretamente na vigilância dos quartéis de Barcelona [mesmo antes do golpe].

Sofia:

Ao invés de equipar os sindicatos para o dia do golpe, o governo republicano tentava desarmar esses grupos”<sup>67</sup>. Nós, anarquistas, éramos presos. A polícia apreendia nossas armas. “A repressão [era tal] que se pretendia levar os presos ao tribunal por porte ilegal de armas!”<sup>68</sup>.

Flávia:

Nós começamos “a construir um comitê de defesa em



Revolução Espanhola

cada bairro da cidade [de Barcelona, interligados em suas ações]<sup>69</sup>.

Acácio:

Na noite em que previa o golpe o comitê de defesa dos anarquistas reuniu Durruti, Francisco Ascaso, Oliver... Na mesa estava um mapa da cidade com “a posição dos quartéis onde estavam estacionadas as tropas do Exército [golpista] (...)<sup>70</sup>.

Mayara:

Frente à força de nossos ataques, era preciso fazer com que os soldados se voltassem contra seus oficiais ou desertassem.

Helena:

“— (...) O comitê do bairro de Sans acaba de telefonar. As tropas [em Monteza e Pedralbes] estão deixando os quartéis<sup>71</sup>.

Mayara:

As armas foram transportadas para dois caminhões. Nos reunimos em um campo de futebol. Cada um conhece perfeitamente a luta de rua.

Gus:

Os membros do Comitê e as escoltas sobem nos caminhões. “A bandeira rubro-negra, presa num sarrafo, se desdobra com o vento<sup>72</sup>.

Bia:

“Você sabe por que nossa bandeira é rubro-negra? O vermelho é a luta e o negro é porque o espírito humano é negro<sup>73</sup>.

Lúcia:

“Durruti, Ascaso, Oliver, Sanz, Jover são saudados com aclamações vindas dos telhados e sacadas<sup>74</sup>.

Todos:

Viva a FAI! Viva a CNT! Morte ao fascismo! Saúde!



Mayara:

“Uma saraivada de balas [é ouvida], partindo de cima do telhado.

Sofia:

Os trabalhadores armados avançam das ruas transversais e das entradas do metrô contra os soldados”<sup>75</sup>.

## **cena 12: morte de Ascaso**

Helena:

Nas Ramblas, um canhão se posicionou na frente do Forte de Atarazanas, sede das Forças Armadas ligadas a Franco.

Acácio:

“Nos combates finais em torno do quartel (...) a iniciativa é toda dos anarquistas”<sup>76</sup>. “A população de Barcelona também [passou] a atirar contra o quartel. Mulheres e crianças traziam munição para perto do forte e levavam alimento (...) para as barricadas”<sup>77</sup>.

Mayara:

“Durruti comandava o ataque na linha de frente”<sup>78</sup>. Oculávamo-nos nas grandes árvores. Quanto mais nos aproximávamos do quartel, mais perigoso ficava.

Helena:

Era preciso deixar o abrigo das árvores para continuar avançando e atravessar um campo de tiro das Forças Armadas.

Sofia:

Um atirador de uma janela dominava a rua em que deveríamos passar.

Flávia:

Ascaso estava convencido de que poderia acertar o soldado com um único tiro a uma curta distância. Agachou-se e



começou a correr para se abrigar em um caminhão. Mas, tinha sido visto.

Acácio:

“Ascaso faz pontaria e atira.

Flávia:

(...) Uma bala atinge Ascaso no meio da testa. Ele cai [no chão].

Todos:

(...) E não se mexe mais”<sup>79</sup>.

### **cena 13: vitória**

Acácio:

“A luta em Barcelona chega ao fim”<sup>80</sup>. 20 de julho de 1936. O comando do exército se rendeu. O quartel de Atarazanas também caiu.

Lúcia:

“Derrotamos os fascistas! Os trabalhadores de Barcelona deram cabo do Exército”<sup>81</sup>.

Todos:

Viva a FAI! Viva a CNT! Viva a Anarquia!

Flávia:

“Quando os combates terminaram, Durrutti, que a imprensa burguesa chamava de terrorista e assassino, (...) salvou a vida do arcebispo de Barcelona, cuja cabeça era exigida por uma multidão furiosa”<sup>87</sup>. Depois recolheu os bens acumulados no palácio episcopal e transferiu para o governo da Catalunha.

Mayara:

O que realmente incomoda Luis Companys, o Presidente



da Catalunha, é a ação contra a propriedade privada não muito longe do palácio do governo.

### **cena 14: a casa Cambó**

Acácio:

A Casa Cambó, edifício de 10 andares, era sede da Associação Industrial de Barcelona, perto do sindicato da Construção Civil filiado à CNT.

Vitor:

Aumentou o número dos grupos que se mudaram para lá, inclusive a própria CNT. Na Revolução, o edifício ganhou outro nome:

Todos:

“Casa da CNT-FAI”<sup>83</sup>.

Flávia:

Estávamos em plena discussão quando tocou o telefone:

Helena:

— O presidente Companys (...) quer negociar.

Sofia:

(...) Uns achavam melhor recusar o convite; a outros parecia que chegara o momento de depor o presidente (...); terceiros temiam que tudo não passasse de uma armadilha. Os oradores falavam com voz rouca, só refortalecida com café e tabaco. (...)

Bia:

Fomos para o palácio armados até os dentes (...). Estávamos sem camisa e nossos rostos continuavam enegrecidos de pólvora”<sup>84</sup>.

Lili:

Daí nasceu em Barcelona o Comitê Central de Milícias antifascistas da Catalunha.



Mayara:

“Esta comissão deveria restaurar a ordem na Catalunha e organizar operações contra os militares golpistas em Zaragoza”<sup>85</sup>.

Helena:

“Após a primeira sessão do Comitê das Milícias, Durruti e García Oliver disseram (...) [ao] representante do partido socialista unificado:

Cabelo:

— Nós sabemos muito bem o que os bolchevistas fizeram com os anarquistas russos, e fiquem sabendo que jamais permitiremos que os comunistas façam o mesmo conosco”<sup>86</sup>.

## **cena 15: Coluna Durruti**

Sofia:

“Não passou muito tempo para Durruti perceber que o Comitê Central era um órgão de poder. Ali se discutia, negociava, votava, havia atas e trabalho burocrático. Mas Durruti não tinha paciência para isso. Lá fora havia tiros (...). [Ele] montou uma divisão própria: a Coluna Durruti, e foi com ela para a frente de Aragón [, que resistia ao golpe fascista]. Presenciei quando passaram marchando pelas ruas de Barcelona: era algo extraordinário: uma verdadeira confusão de [vestimentas], voluntários de todas as partes da Terra, roupas remendadas com panos de várias cores”<sup>87</sup>.

Gus (Durruti):

“Ontem chegou correndo aqui um pequeno garoto, talvez de uns dez anos, vindo do território dos fascistas.

Flávia:

(...) ‘O que há com vocês? Na nossa aldeia todos estão estranhando por que vocês não atacam. Todo mundo diz: numa hora dessa, Durruti já fez nas calças!’.



Gus (Durruti):

Você entende? Se uma criança diz estas coisas, é o povo quem fala. Isso significa que temos de atacar. A estratégia vem assim, por si mesma...

Mayara:

(...) Ainda estive mais algumas vezes com Durruti. A Coluna contava com cerca de dez mil homens. Ele continuava acreditando em suas ideias tanto quanto antes, mas não era dogmático (...).

Gus:

— A guerra é uma sacanagem. (...) Ela não destrói apenas as casas, mas também os princípios”<sup>88</sup>.

## **cena 16: as ruínas**

Gus (Durruti):

“Ainda não pusemos os fascistas para correr. (...) [Os trabalhadores se armaram], pois o antigo exército já não vale mais nada. Cada trabalhador sabe o que significaria um triunfo do fascismo: fome e escravidão. (...) Para nós trata-se de acabar com o fascismo de uma vez por todas. Mesmo que isso não agrade ao governo. (...) Nenhum governo na Terra combaterá o fascismo até a morte. Quando a burguesia percebe que o poder lhe está escapando nas mãos, recorre ao fascismo para se afirmar. (...) [Nós] somos [anarquistas]. Lutamos pela revolução e sabemos o que queremos. (...) Queremos fazer a revolução aqui na Espanha não no futuro, mas agora, neste momento”<sup>95</sup>. Nós não esperamos a ajuda de ninguém.

Ricardo:

“Mas, se o senhor vencer, sentará sobre um monte de ruínas?

Gus (Durruti):

[Nada de senhor,] nós fomos acostumados a habitar casebres e cárceres. (...) Mas [você] não se esqueça de que



também sabemos construir. Fomos nós que construímos todos estes palácios, todas estas cidades na Espanha, na América e em todo o mundo. (...) Não temos medo das ruínas. A Terra será nossa herança; disso não resta a menor dúvida. (...) Trazemos um mundo novo dentro de nós, que cresce a cada momento. Ele está crescendo neste instante, quando estou falando com você”<sup>89</sup>.

Lili:

Vamos para Zaragoza!

### **cena 17: amor livre**

Sofia (Emilienne Morin):

“No momento em que estavam partindo para [Zaragoza], tive vontade de ir junto e subi [numa caminhonete].

Lili (Emilienne Morin):

(...) Durruti não sabia de nada, mas alguém deve tê-lo informado, porque ele desceu do seu carro e lançou um olhar para a caminhonete, depois fitou-me por um instante e partiu de novo. Sem dizer nada”<sup>91</sup>.

Sofia (Emilienne Morin):

“Bem, é verdade que os anarquistas gostavam de falar sobre o amor livre. Mas no fundo eles eram espanhóis, e é engraçado ver espanhóis falando nesse assunto. Não combina com o temperamento deles.

Lili (Emilienne Morin):

Amor livre é coisa que só existe nos livros. Eles nunca fizeram nada, absolutamente nada, pela emancipação da mulher. eles se livraram rapidamente dos preconceitos que atrapalhavam, mas conservavam com todo o cuidado os que convinham.

Sofia (Emilienne Morin):

Lugar de mulher é no fogão! Eles gostavam muito des-



te dito. Certa vez um companheiro de idade avançada me disse:

Ricardo:

Essas teorias de vocês são muito boas, mas a anarquia é uma coisa e a família é outra. Sempre foi assim e assim há de permanecer.

Lili (Emilienne Morin):

Com Buenaventura eu tive muito mais sorte. Ele não era tão atrasado como os outros. E no fundo ele sabia com quem estava lidando!”<sup>92</sup>

### **cena 18: o campo**

Lúcia:

Santa Maria, uma típica aldeia do planalto de Aragón. “Duzentas casas agrupadas ao redor de uma igreja de província, um conselho municipal, uma prisão.

Mayara:

(...) Os habitantes da aldeia são todos antifascistas, com exceção do rico latifundiário, um ou dois funcionários, o prefeito e o soldado da Guardia Civil; um capitalista (...) e, por fim, o padre (...) [Eles pertencem à Falange].

Helena:

Chega a Coluna Durruti, cheia de entusiasmo, mas muito mal armada. Seu primeiro passo chama-se *limpiar*: (...) eliminar os vestígios do fascismo que ainda possam existir em Santa María.

Flávia:

[ou seja,] quem dos [falangistas] não conseguiu fugir a tempo para Zaragoza será fuzilado”<sup>93</sup>.

Cabelo:

“Onde fica o fórum? Onde fica o cartório com os livros de



registro? Onde é a prisão? Depois [nós incendiamos] os processos judiciais, os livros de registro [de propriedade] e [libertamos] os presos”<sup>94</sup>.

### **cena 19: pároco**

Ricardo:

Padre Jesus.

Vitor (Padre Jesus):

“Quando eclodiu a guerra civil, eu era vigário (...). Desde a proclamação da República estava claro que os membros da Igreja não eram muito benquistos por pessoas que nos chamavam de ‘corvos’. (...) Depois de muitas peripécias (...) fui preso [na aldeia onde nasci]”<sup>95</sup>. Perguntaram a toda aldeia se eu deveria ser executado,

Todos:

Não!

Vitor (Padre Jesus):

Foi então que fui levado a Durruti.

Gus (Durruti):

“— O que você prefere? Ir para casa ou ficar aqui na Coluna? (...) Mas que fique bem clara uma coisa: se voltar para casa, mais cedo ou tarde, será morto por um desses grupos que fazem o que bem entendem.

Vitor (Padre Jesus):

(...) — Quero entrar para a Coluna.

Gus (Durruti):

Preciso de um copista, você trabalhará no meu escritório com [a] secretária ruiva. Ela vai lhe ajudar, mas não a toque por debaixo das saias”<sup>96</sup>.



## **cena 20: dia do Companheiro Santo Agostinho**

Vitor (Padre Jesus):

“18 de Agosto é dia de Santo Agostinho (...). Nesta data acontece a tradicional romaria na cidade [de Bujaraloz]. (...) Ninguém (...) [sabe ao certo o que fazer. Eles não querem] abrir mão da romaria (...).

Gus (Durruti):

— Por mim, tudo bem. Antes vocês festejavam em louvor a Santo Agostinho; a partir de amanhã comemoraremos em louvor ao companheiro Agostinho, e o caso está resolvido”<sup>97</sup>.

## **cena 21: coletivização**

Mayara:

“A indústria que visitei hoje fala francamente a favor do êxito da CNT na coletivização das empresas. Passadas apenas três semanas do início da Revolução e duas do fim da greve geral, a fábrica parece funcionar como se nada tivesse acontecido.

Ricardo:

Visitei a oficina, onde tudo parecia estar no devido lugar; os operários trabalhavam regularmente nas máquinas. (...) [Os ônibus] vinham com a inscrição: ‘Produzido sob controle dos trabalhadores’.

Todos:

[Viva a anarquia!]

Flávia:

(...) É um êxito extraordinário quando um grupo de trabalhadores assume o controle de uma empresa e consegue colocar a produção em dia num período curto de tempo”<sup>105</sup>.

**cena 22: a disciplina**

Lili:

A Coluna Durruti não tinha oficiais e invocava “o princípio da ‘indisciplina organizada’”<sup>99</sup>.

Gus (Durruti):

“Fui anarquista durante toda a minha vida e agora tenho que forçar meus homens a ser disciplinados usando força?”<sup>100</sup> “Sou contra a disciplina de quartel: ela leva apenas à brutalidade, ao ódio e ao funcionamento mecânico”<sup>101</sup>. Aqui, não se trata de uma guerra, mas de uma revolução.

Helena:

Na revolução se afirmam outros costumes liberados da disciplina no quartel, na escola, no trabalho.

Flávia:

Todos sabem porque lutam.

Mayara:

O governo central de Madri pressionava para a formação de um exército regular centralizado. O socialista e novo chefe do governo, Largo Caballero, dizia que era preciso vencer a guerra para depois falar em Revolução.

Ricardo:

Em setembro, o Comitê Central das Milícias Antifascistas foi dissolvido para a formação do Conselho da Generalitat.

Bia:

A Generalitat estabeleceu: “comando de guerra unificado, (...) serviço militar obrigatório e maior exigência de disciplina”<sup>102</sup>.

Flávia:

A CNT e a FAI viram Companys desmontar o Comitê das Milícias Antifascistas em favor de um exército reformado.



Ricardo:

O Conselho de Defesa da Generalitat “decretou que o antigo código marcial devia ser aplicado às Milícias.

Acácio:

Nas fábricas também reina um regime de coerção. (...) O governo catalão, (no qual nossos companheiros ocupam cargos em ministérios da área econômica) decretou que os trabalhadores fizessem horas extras sem remuneração (...).

Lúcia:

Outro decreto prevê que todo operário que não cumprir as normas será considerado um traidor e receberá tratamento adequado (...). [A pena de morte.]

Mayara:

Até a mentira organizada resolveu ressuscitar depois do 19 de julho...”<sup>103</sup>

Lúcia:

O jornal da CNT *L’Espangne Antifasciste* publicou:

Flávia:

“Muitos dos nossos companheiros que se deixaram influenciar pelo bolchevismo exigem a formação de um “Exército Vermelho”. Este procedimento parece perigoso sob todos os aspectos. Nós não precisamos hoje na Espanha de um exército profissional; o que precisamos é de uma milícia que faça a guerra de guerrilhas”<sup>104</sup>.

Cabelo:

Os anarquistas, quando aderem ao governo, também se tornam governo.

### **cena 23: vamos a Madri**

Ricardo:

E agora Federica Montseny?



Mayara (Federica Montseny):

“Hoje eu devo confessar: fui eu quem provavelmente teve a ideia de que Durruti deveria ir a Madri com sua Coluna, ideia aceita pela CNT”<sup>105</sup>.

Vitor (Padre Jesus):

“Lembro-me da última noite que Durruti passou com a Coluna em Aragón. Depois do jantar ele falou de sua partida (...).

Gus:

— Quem vem comigo?

Vitor (Padre Jesus):

Eu já estava excluído. Durruti disse que queria levar apenas alguns de seus homens de confiança para servirem como chefes de tropas dos milicianos (...)”<sup>106</sup>.

Flávia:

“Nós nos encontrávamos numa situação horrível (...). Com o auxílio em armas da União Soviética, os comunistas tinham ganho enorme influência nas decisões. Temíamos que aos anarquistas espanhóis estivesse destinada a mesma sorte dos anarquistas na Rússia. Foi por isso que Durruti concordou com o plano”<sup>107</sup>. Não foi Federica?

Vitor (Padre Jesus):

Não foi?

## **cena 24: Madri, novembro de 1936**

Helena:

Em “6 de novembro de 1936 o governo Republicano [de Largo Caballero] deixou a capital [Madri] sitiada [pelos fascistas] e fugiu para Valência (...)”<sup>108</sup>.

Flávia:

“No final da tarde de 13 de novembro de 1936, [vinda de



Barcelona,] a Coluna Durruti entra em Madri. É saudada calorosamente. As tropas estão exaustas. (...) Nem bem os milicianos se ajeitaram chega a noticia de que o inimigo conquistou a maior parte dos edificios da Cidade Universitária e está pronto a atacar (...) a Praça de Moncloa (...). [Isso seria] uma estocada decisiva dos fascistas. (...) Na mesma noite, a Coluna se apresenta no quartel [do general Miaja] e entra em ação na linha de defesa”<sup>109</sup>.

Gus:  
“Vão morrer todos em Madri”<sup>110</sup>.

Helena:  
(...) Entre 13 e 19 de novembro, 60% das tropas levadas por Durruti a Madri tombaram diante do inimigo”<sup>111</sup>.

Bia:  
Morto!! Durruti foi morto, no Parque Oeste!

## **cena 25: a notícia da morte**

Flávia:  
O jornal *Solidaridad Obrera* da CNT, fundado em Barcelona, em 1907, e de maior circulação durante a Revolução, estampou em suas páginas:

Ricardo:  
“Por volta de oito e meia da manhã, nosso infeliz companheiro encaminhava-se em direção à linha de defesa para inspecionar os postos avançados da Coluna. No caminho encontrou alguns milicianos que voltavam da linha de defesa. Quando estava saindo do carro, ouviu-se o estampido de um disparo. Supõe-se que partiu da janela de um pequeno hotel na Plaza de la Moncloa. Durruti tombou ao solo, sem dizer uma palavra. O projétil assassino perfurou suas costas. O ferimento foi mortal: não havia chances de salvá-lo”<sup>112</sup>.

Bia:  
“Na bagagem de Durruti foram encontrados os seguintes



pertences: um jogo de roupas de baixo, duas pistolas, um binóculo e um óculos de sol. Este era todo o seu inventário”<sup>113</sup>.

Vitor (Padre Jesus):

“Ninguém jamais soube a verdade porque todos nós tivemos que fazer um juramento. Devíamos ficar calados até o fim da guerra e não dizer nada (...). O juramento foi pedido por Federica Montseny, que ocupava uma pasta ministerial na época, e por Marianet, o secretário do Comitê Nacional da CNT”<sup>114</sup>.

Lúcia:

O motorista de Durruti, Julio Graves, contou como aconteceu...

Flávia:

“— Não há muito o que dizer. Depois do almoço fomos para a frente de defesa na Cidade Universitária. (...) Estava claro, um sol de tarde de outono pairava por sobre as ruas (...) Depois das pesadas perdas sofridas na Praça de Moncloa e nos muros da prisão-modelo, as tropas de Durruti haviam mudado suas posições. Atravessávamos um cruzamento quando um grupo de milicianos apareceu, vindo na direção contrária. Durruti logo percebeu que eram jovens querendo abandonar a linha de defesa.

Gus (Durruti):

[Parem o carro!]

Flávia:

(...) ‘Paramos em pleno campo de tiro do adversário (...). Durruti desceu e foi ter com os soldados que estavam fugindo. Perguntou-lhes para onde iam, e eles não souberam o que responder. Durruti deu-lhes instruções com sua voz rouca e ordenou, num tom cortante, que retornassem a seus postos. Eles concordaram. Fizeram meia-volta. Durruti virou-se de novo em direção ao carro e já esticava a mão para alcançar a maçaneta da porta quando caiu. Tinha sido atingido no peito. Manzana e eu saímos correndo do carro



e o pusemos no banco de trás. Manobrei o mais rápido que pude e voltamos voando para a cidade, para a enfermaria das Milícias catalãs. O resto você já sabe”<sup>115</sup>.

Sofia (Emillienne Morin):

“Quando ele foi para Madri, eu ainda o levei ao aeroporto. Foi a última vez que o vi. Conversava todo dia com ele em Madri, pelo telefone. Uma noite, disseram-me que não estava. Depois fiquei sabendo que já se encontrava morto. (...) Portanto, decidiu-se que ele morreu na linha de frente... uma baixa a mais, e pronto. (...) Eu tive minhas dúvidas, todos soubemos que o tiro foi a queima-roupa. (...) Então, que fique assim. Também não há mesmo como mudar isso”<sup>116</sup>.

Acácio:

Com a morte Durruti, meses depois a revolução foi soterrada pelo governo central, paradoxalmente com o apoio dos comunistas espanhóis financiados pela URSS. A Espanha produziu também, não só o massacre dos anarquistas como o assassino de Trotski no México. “Na Revolução Espanhola foram escritos 8.500 textos poéticos escritos por 3.400 pessoas, além de 85 livros publicados”<sup>117</sup>. O fascismo matou com o apoio dos liberais, sociais-democratas e comunistas qualquer possibilidade de liberdade em uma revolução que começou e terminou com o campesinato. A guerra devorou a revolução!

## **cena 26: o que passou, passou**

Ricardo:

1972, Paris, França, Emillienne Morin.

Lili (Emillienne Morin):

“Os imigrantes espanhóis são muito organizados. Até hoje, eles pagam mensalmente sua cota de filiação. O jornal ainda está sendo publicado, digo, aquela folha dos anarquistas. Gostaria de poder acreditar em tudo o que está escrito ali, mas muita coisa me parece tão simplista, tão ingênua. In-



## Revolução Espanhola

gênea talvez seja uma palavra pesada, mas eu digo o que penso: não posso segui-los.

Sofia (Emilienne Morin):

A maioria acha que é só voltar para a Espanha quando chegar a hora e começar tudo de onde pararam em 1936. O que passou, passou. Não se faz a mesma revolução duas vezes”<sup>118</sup>.

**Notas**

<sup>1</sup> Aula-teatro 20 do Nu-Sol. Pesquisa: Nu-Sol. Com: Acácio Augusto, Beatriz Scigliano Carneiro, Eliane K. Carvalho, Flávia Lucchesi, Gustavo Ramus (convidado), Gustavo Simões, Helena Wilke, Lúcia Soares, Mayara Cabeleira, Ricardo Abussafy, Sofia Osório, Vitor Osório. Sonoplastia: Gustavo Ramus (convidado). Composições musicais: Gustavo Simões. Operadora de luz e sonofonia: Luíza Uehara. Cenário: Fernando Passetti (convidado). Coordenação e Ambientação: Edson Passetti.

<sup>2</sup> Hans Magnus Enzensberg. *O curto verão da anarquia: Buenaventura Durruti e a guerra civil espanhola*. Tradução de Márcio Suzuki. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, pp. 32-33.

<sup>3</sup> Idem, p. 30.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 31.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 30.

<sup>6</sup> Mikhail Bakunin apud Henri Arvon. *Bakunin*. Tradução de Franco de Souza. Lisboa, Estudios Cor, 1971, p.195.

<sup>7</sup> Hans Magnus Enzesberg, 1987, op. cit., p. 31.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 31.

<sup>9</sup> Ibidem, pp. 277-278.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>11</sup> Ibidem, pp. 33-35.

<sup>12</sup> Ibidem, pp. 34-35.





- <sup>13</sup> Ibidem, p. 36.
- <sup>14</sup> Ibidem, pp. 36-37.
- <sup>15</sup> Florentino Monroy apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 21.
- <sup>16</sup> Idem, p. 22.
- <sup>17</sup> Ibidem, pp. 22-23.
- <sup>18</sup> Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., pp. 56-57.
- <sup>19</sup> Ibidem, p. 57.
- <sup>20</sup> Ibidem, p. 57.
- <sup>21</sup> Ibidem, p. 58.
- <sup>22</sup> Ibidem, p. 58.
- <sup>23</sup> Ibidem, p. 58.
- <sup>24</sup> Heins Rüdiger/Alejandro Gilabert apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 42.
- <sup>25</sup> Ricardo Sanz apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 43.
- <sup>26</sup> Ibidem, pp. 42-43.
- <sup>27</sup> Ibidem, pp. 53-54.
- <sup>28</sup> Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 38.
- <sup>29</sup> V. de Rol apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 67.
- <sup>30</sup> Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 61.
- <sup>31</sup> Idem, p. 61.
- <sup>32</sup> Ibidem, p. 62.
- <sup>33</sup> Ibidem, p. 62.
- <sup>34</sup> Ricardo Sanz apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 68.
- <sup>35</sup> V. de Rol apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 67.
- <sup>36</sup> Eugenio Valdenebro apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 69-70.
- <sup>37</sup> Emilienne Morin apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 80.





Revolução Espanhola

- <sup>38</sup> Idem, p. 80.
- <sup>39</sup> Federica Montseny apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 89.
- <sup>40</sup> Alejandro Gilabert apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 93.
- <sup>41</sup> Federica Montseny apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 94.
- <sup>42</sup> José Peirats apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 96.
- <sup>43</sup> Alejandro Gilabert apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 98.
- <sup>44</sup> Liberto Callejas apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., pp. 101-102.
- <sup>45</sup> Idem, p. 99.
- <sup>46</sup> Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 85.
- <sup>47</sup> Idem, p. 85.
- <sup>48</sup> Ibidem, p. 85.
- <sup>49</sup> Arthur Lehning apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 106.
- <sup>50</sup> José Peirats/Stephen John Brademas apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 106.
- <sup>51</sup> César Lorenzon apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 106.
- <sup>52</sup> Arthur Lehning apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 107.
- <sup>53</sup> Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., pp. 86-87.
- <sup>54</sup> Federica Montseny apud Hans Magnus Enzensberg, op. cit., 1987, p. 94.
- <sup>55</sup> Idem, pp. 93-94.
- <sup>56</sup> Hans Magnus Enzensberg, op. cit., 1987, p. 87.
- <sup>57</sup> Alejandro Gilabert apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 111.
- <sup>58</sup> Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., pp. 87-88.
- <sup>59</sup> Alejandro Gilabert apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 111.
- <sup>60</sup> Luis Romero apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p.121.
- <sup>61</sup> *Solidaridad Obrera*/Stephen John Brademas apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 113.
- <sup>62</sup> Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 88.



- <sup>63</sup> Luis Romero apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 120.
- <sup>64</sup> Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 88.
- <sup>65</sup> Federico Garcia Lorca. “Gazel da Fuga” in *Obra Poética Completa*. Tradução de William Angel de Mello. São Paulo, Martins Fontes, 1999, p. 547.
- <sup>66</sup> Edson Passetti. “A Espanha franquista contra a arte” in *Revista Ponto e Vírgula*. São Paulo, PUC-SP, n. 6, 2009, pp. 147-151. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/viewFile/14027/10341>. (acesso em: 21/09/2016).
- <sup>67</sup> Diego Abad de Santillán/Abel Paz apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit, p. 116.
- <sup>68</sup> Eugenio Valdenegro apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 116.
- <sup>69</sup> Luis Romero apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 121.
- <sup>70</sup> Idem, p. 121.
- <sup>71</sup> Ibidem, p. 125.
- <sup>72</sup> Ibidem, p. 125.
- <sup>73</sup> Ilya Ehrenburg apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 192.
- <sup>74</sup> Luis Romero apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 126.
- <sup>75</sup> Abel Paz/Dieno Abad Santillán apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 129.
- <sup>76</sup> Luis Romero apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 130.
- <sup>77</sup> Ricardo Sanz apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 130.
- <sup>78</sup> Idem, p. 133.
- <sup>79</sup> Luis Romero apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 132.
- <sup>80</sup> Idem, p. 134.
- <sup>81</sup> Ibidem, p. 134.
- <sup>82</sup> Alejandro Gilabert apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 135.
- <sup>83</sup> Idem, p. 140.
- <sup>84</sup> Luis Romero apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., pp. 142-143.



Revolução Espanhola

- <sup>85</sup> José Peirats apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 144.
- <sup>86</sup> Manuel Benavides apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 148.
- <sup>87</sup> Jaume Miravittles apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 150.
- <sup>88</sup> Ilya Ehrenburg apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., pp. 164-165.
- <sup>89</sup> Idem, pp. 185-186.
- <sup>90</sup> Buenaventura Durruti apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 187.
- <sup>91</sup> Emilienne Morin apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., pp. 152-153.
- <sup>92</sup> Idem, p. 103.
- <sup>93</sup> John Lagdon-Davies apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., pp. 210-211.
- <sup>94</sup> Manuel Benavides apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 211.
- <sup>95</sup> Jesús Arnal Pena apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., pp. 155-156.
- <sup>96</sup> Idem, pp. 156-157.
- <sup>97</sup> Ibidem, p. 219.
- <sup>98</sup> Franz Bokernau apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 194.
- <sup>99</sup> John Longdon-Davies apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 165.
- <sup>100</sup> Augustin Souchy apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 235.
- <sup>101</sup> Buenaventura Durruti apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 261.
- <sup>102</sup> José Peirats apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 241.
- <sup>103</sup> Simone Weil apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 201.
- <sup>104</sup> *L'Espagne Antifasciste* apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 249.
- <sup>105</sup> Federica Montseny apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 262.



- <sup>106</sup> Jesús Arnal Pena apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., pp. 263-264.
- <sup>107</sup> Federica Montseny apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 264.
- <sup>108</sup> A. e D Prudhommeaux apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 266.
- <sup>109</sup> Ricardo Sanz apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., pp. 268-269.
- <sup>110</sup> Mikhail Kolsov apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., pp. 276.
- <sup>111</sup> Ricardo Sanz apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 276.
- <sup>112</sup> *Solidaridad Obrera* apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 284.
- <sup>113</sup> José Peirats apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 300.
- <sup>114</sup> Jesús Arnal Pena apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 299.
- <sup>115</sup> Ariel apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., pp. 290-291.
- <sup>116</sup> Emilienne Morin apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., p. 302.
- <sup>117</sup> Salete Oliveira. “Cultura, liberdade e anarquia” in *Margem*, n. 5. São Paulo, Revista da Faculdade de Ciências Sociais, dez de 1996, pp. 216-217.
- <sup>118</sup> Emiliene Morin apud Hans Magnus Enzensberg, 1987, op. cit., pp. 315-316.

***Spanish Revolution*, Beatriz Scigliano Carneiro, Lúcia Soares e Luíza Uehara.**



# aula-teatro 20 do nu-sol

9 e 10 de novembro de 2016  
tucarena - 19h30

retirada de ingressos  
a partir de 18h30

programa de estudos pós-graduados  
em ciências sociais



# REVOLUÇÃO ESPANHOLA

